

A Internet como Ferramenta de Mobilização Social: Um Estudo de Caso do Nós do Meu Rio¹

Lorena Mendonça BRITES²

Mônica Nunes NEUSTADT³

Universidade Veiga de Almeida, Cabo Frio, RJ

Resumo

O objetivo deste artigo é discutir a transformação da mobilização social por meio da internet, sob a ótica do ciberativismo. Para isso foram estudados os grupos do “Nós do Meu Rio criados pela Rede Nossas Cidades, uma ONG que se mobiliza virtualmente para propor aos cidadãos cariocas novas formas de se manifestar por meio de ferramentas disponíveis no ciberespaço. A partir desse movimento é que a pesquisa busca entender onde e por que surgem essas manifestações, e de que forma elas se mantêm ativas para não cair no esquecimento e se perder no mundo virtual tão cheio de demandas e espontaneidade.

Palavras-chave: internet; redes sociais; mobilização; democracia; Meu Rio.

Introdução

O surgimento da internet e sua rápida evolução mudou a forma de comunicação entre os indivíduos. As ferramentas em rede ultrapassaram as barreiras do mundo palpável e possibilitaram conexões invisíveis de alto alcance. Essas transformações ainda em andamento revelam-se fortes aliadas para aqueles que desejam construir uma sociedade aberta e participativa, principalmente ao que refere às questões de interesse comum. Este trabalho pretende apresentar uma reflexão sobre os novos conceitos de cidadania por meio da influência das redes sociais *online*. O objetivo é identificar quem são os novos atores sociais e como se articulam para delinear o futuro da coletividade inserida cada vez mais no espaço virtual.

¹ Trabalho apresentado na Divisão Temática Comunicação, Espaço e Cidadania, do Intercom Júnior – XI Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Bacharel em Comunicação Social, habilitação em Jornalismo. Lorena Mendonça Brites. Universidade Veiga de Almeida, email: lorenabrites@ymail.com

³ Orientador do trabalho. Ms. Mônica Nunes Neustadt. Docente do Curso de Jornalismo da Universidade Veiga de Almeida, email: monica.neustadt@uva.br.

De acordo com Martino (2014) as redes sociais virtuais são formadas por atores reais, ou seja, pessoas que participam e vivenciam os problemas do cotidiano de modo haver um hibridismo no uso dessas redes que são formadas pelos próprios atores ativos na sociedade.

Na medida em que as redes se caracterizam pela existência de laços firmados a partir de interesses comuns, é possível identificar todo tipo de agrupamento [...], não apenas uma interação entre os participantes [...] mas também o engajamento em questões políticas, sociais e culturais. [...] Assim como o mundo real é levado para as redes sociais digitais, as discussões *online* têm potencial de gerar atitudes e ações no mundo físico. (MARTINO, 2014, p. 58).

Nesse breve fragmento é possível apontar pelo menos três conceitos que caracterizam a sociedade presentes também nas redes sociais virtuais. São eles: formação de laços e de identidade, geração de capital social e cultura de participação. Todos estão conectados e são imprescindíveis na organização do ciberespaço, esses três aspectos fazem parte da nova era da internet cada vez mais interligada à realidade de uma sociedade digital. Com os computadores em rede a informação deixa de ser limitada e passa a ser acessada, compartilhada e editada por diversos sujeitos que têm contato com a internet. Por isso é natural que questões do dia a dia sejam levadas para o meio virtual e vice-versa, em uma mistura que torna difícil a distinção de ambos os espaços.

Web 2.0: O início da era da convergência

Nos primeiros anos da década de 2000 surgiu um termo para nova geração da internet criado pela empresa americana O'reilly Media, a *web 2.0*, que permitia, além de operações simples como envio de mensagens entre um computador e outro, também a execução de processos sofisticados como o compartilhamento de informações entre os usuários e até disponibilização de serviços *online*. A interface moderna, as plataformas e a criação de *softwares* livres facilitam a troca de dados entre os usuários da rede e os conteúdos são armazenados na própria *web*, onde tudo fica disponível. Dessa forma ocorre o que nos últimos tempos os pesquisadores da comunicação chamam de convergência.

O sentido da palavra convergência é atribuído àquilo que tem o mesmo propósito, na comunicação, a convergência ocorre quando há fusão das mídias, quando a TV está ligada à internet ou o rádio acompanha os jornais e assim por diante.

É por essa razão que a era digital vem sendo também chamada de cultura do acesso, uma formação cultural está nos colocando não só no seio de uma revolução técnica, mas também de uma sublevação cultural cuja propensão é se alastrar, tendo em vista que a tecnologia dos computadores tende a ficar cada vez mais barata. (SANTAELLA, 2003, p.28).

Além disso, as interações feitas com a mediação dos computadores incentivaram o surgimento das redes sociais⁴ no ambiente virtual. Assim, pode-se considerar a *web 2.0* como um marco da cultura da convergência, já que a expansão da internet nesse período alterou mundialmente o cenário da comunicação fazendo da *web* um espaço democrático, onde os usuários também são responsáveis por suas próprias demandas. “A convergência não envolve apenas materiais e serviços produzidos comercialmente [...] A convergência também ocorre quando as pessoas assumem o controle das mídias” (JENKINS, 2008, p. 43).

A essa nova apropriação sobre as mídias, Jenkins denomina de “cultura da participação”. Nesse contexto, as redes sociais virtuais desempenham o bom funcionamento como canal de comunicação para aqueles que querem usá-las em prol de causas sociais. O filósofo Pierre Lévy se apoia nessa ideia para defender a internet como um lugar de promoção aos debates sociais e o aumento do saber dos cidadãos.

O ciberespaço cooperativo deve ser concebido como um verdadeiro serviço público. Esta ágora virtual facilitaria a navegação e a orientação quanto ao conhecimento [...] O ciberespaço poderia converter-se no lugar de uma nova forma de democracia direcionada a uma grande escala⁵. (LÉVY, 2004, p. 43).

Portanto, além dos laços afetivos, das relações de interesse profissional ou de entretenimento, entre outros é possível por meio da internet identificar e convocar cidadãos que estejam dispostos a se mobilizar pelos mais diferentes tipos de causa. Os agentes das redes sociais criam um ambiente totalmente independente onde a voz dos emissores e receptores é medida pelo grau de conectividade dos usuários. Quanto mais interações os sujeitos mantiverem, mais forte será o poder de mobilização (MALINI, ANTOUN, 2013).

⁴ Rede Social é gente, é interação, é troca social. É um grupo de pessoas, compreendido através de uma metáfora de estrutura, a estrutura de rede. Os nós da rede representam cada indivíduo e suas conexões, os laços sociais que compõem os grupos. Esses laços são ampliados, complexificados e modificados a cada nova pessoa que conhecemos e interagimos. (RECUERO, 2009, p.25).

⁵ Livre tradução para: El ciberespacio cooperativo debe ser concebido como un verdadero servicio público. Esta ágora virtual facilitaría la navegación y la orientación en el conocimiento [...] El ciberespacio podría convertirse en el lugar de una nueva forma de democracia directa a gran escala (LÉVY, 2004, p.43).

Sendo assim, os conteúdos originados a partir das interações *online* são fontes de valores que desencadeiam em algum benefício para os integrantes que compõem essas redes, esses benefícios são chamados de capital social. “O capital social é, portanto, um conceito metafórico, que foca o fato de que existem vantagens em pertencer a grupos sociais, e que essas vantagens podem ser apropriadas pelo grupo e/ou pelos atores” (RECUERO, 2012, p.4).

No caso das mobilizações que surgem no ciberespaço os conteúdos ali publicados geram informações que são a base para levar o conhecimento e impulsionar outras pessoas a se associarem às causas. Há muitas formas de se organizar, ao longo da história os movimentos sociais se fizeram presentes na luta pelos direitos civis e adquiriram representatividade com as forças organizacionais como os sindicatos, as ONGs e até dentro dos partidos políticos. Com a chegada das redes sociais no ambiente virtual, as mobilizações tomam outras características e se renovam com o contato mais amplo e direto àqueles os quais se quer atingir.

Movimentos sociais na era da internet

A mobilização é um processo construído no cotidiano em conjunto com pessoas que visam o mesmo objetivo, de modo que os indivíduos precisam sentir-se inseridos em uma comunidade e no ciberespaço essa ideia não é diferente. Nas redes sociais essa proposta é ressaltada de acordo, por exemplo, com as preferências dos usuários que se relacionam com internautas que têm os mesmos gostos ou ideais. Segundo o sociólogo Manuel Castelos (2013), os movimentos sociais são motivados pela mudança em alguma esfera da estrutura social. “Geralmente se originam de uma crise nas condições de vida que torna insustentável a existência cotidiana para a maioria das pessoas” (CASTELLS, 2013, p.157).

Na sociedade, o Estado e as mídias de informação são quem na maioria das vezes detém o controle sobre o que é “relevante” transmitir ou não aos demais cidadãos. Castells (2009) observa que, apesar disso, não há um poder absoluto, podendo haver resistências, o que implica em uma interferência no exercício do poder por uma das partes e estimula a emergência da mobilização. E com a internet essas mobilizações são facilmente organizadas.

Com a Internet conectando milhões de pequenos computadores hierarquicamente iguais, nasce a era das redes distribuídas, que abre a possibilidade de passar de um mundo de poder descentralizado a um mundo de poder distribuído. O mundo que estamos construindo. (UGARTE, 2008, p. 33).

O poder distribuído do qual Ugarte (2008) se refere é criado pelos sujeitos conectados em rede, que, segundo ele, são capazes de descentralizar a informação dos meios habituais e fazer com que esta se alastre em uma cadeia de novos sujeitos interagentes. De acordo com Moraes (2001) a internet torna ágil a luta das entidades civis, conferindo maior participação política aos cidadãos, haja vista que, possibilita novas ferramentas de ações sociais, diferentes das enraizadas nos poderes políticos tradicionais.

Logo, pode-se caracterizar as redes sociais *online* como as novas armas contra-hegemônicas da atualidade, que vão dar voz aos cidadãos engajados para prosseguirem em suas lutas. Mas, o que de fato vai formalizar os movimentos sociais nessa nova era é a visibilidade alcançada pelas mobilizações em rede, por isso é importante que as publicações de um determinado grupo sejam visualizadas e compartilhadas com os usuários da rede. A rede é viral, ou seja, é capaz de alastrar as informações instantaneamente para centenas e milhares de pessoas conectadas, no caso das mobilizações iniciadas na internet esta é uma estratégia fundamental para garantir a efetivação das mesmas.

Castells (2013) afirma que os movimentos se tornam virais quando a partir deles outros cidadãos no mundo se inspiram a fazer o mesmo. Portanto, a emissão e reprodução de informações por meio dos mobilizadores nas redes sociais cooperam para o chamado ciberativismo. Há muitas definições sobre o que vem a ser o ciberativismo, mas todas se apoiam no mesmo sentido, de que é uma das formas de ativismo praticadas por pessoas engajadas, que utilizam a internet para alcançar e ampliar sua rede de voluntários para alguma causa social. O termo de origem americana apareceu pela primeira vez na década de 1990, com o Exército Zapatista de Libertação Nacional (EZLN), considerado um dos primeiros grupos ativistas a utilizar a internet como forma de mobilização social.

O EZLN foi um dos primeiros movimentos sociais a usar a internet para o ativismo global. A aparição pública do movimento se deu exatamente na época em que o *word wide web* estava se tornando mais popular entre os usuários de computadores pessoais. Portanto podemos fazer uma análise conjunta da evolução do ciberativismo neozapatista e a evolução dos recursos tecnológicos das redes de computadores (PIMENTA, RIVELLO, 2008, p.6).

Um dos principais objetivos do ciberativismo é criar novos canais de participação para debates de interesse público através dos *sites*, *blogs*, portais, entre outros meios de comunicação eletrônica que agreguem diversas pessoas a fim de informar, mobilizar, difundir, expor opiniões e incitar vontades para promover mudanças no cenário social, implantando ideias no ciberespaço que posteriormente vão ganhar as ruas.

Internet: a nova voz das ruas

A partir da possibilidade de interação nas redes, muitas pessoas têm utilizado as ferramentas *online* como forma de ocupação do espaço para defender e expor suas ações, sobretudo, as de caráter social. Acontece em todos os lugares: no Oriente Médio, nos EUA, na Europa, e também na América Latina protestos ao redor do mundo estão eclodindo.

Movimentos sociais conectados em rede espalharam-se primeiro no mundo árabe [...]. Vivenciaram destinos diversos, incluindo vitórias, concessões, massacres repetidos e guerras civis. Outros movimentos ergueram-se contra o gerenciamento equivocado da crise econômica na Europa e nos Estados Unidos, por governos que se colocavam ao lado das elites financeiras responsáveis pela crise à custa de seus cidadãos. (CASTELLS, 2013, p.9).

Um dos casos mais recentes foi protagonizado no Brasil. Em junho de 2013 uma onda de protestos convocados inicialmente pelo Movimento Passe Livre (MPL) – que luta contra o aumento da tarifa dos transportes públicos em diferentes cidades do país – foi o estopim de uma comoção nacional pela reivindicação de várias reformas sociais. As manifestações chamadas de Jornadas de Junho começaram contra o aumento do valor das passagens de ônibus em São Paulo e em pouco tempo ganharam apoio de vários manifestantes que passaram a exigir também outras demandas.

A internet foi um dos principais instrumentos utilizados pelo MPL para convidar os cidadãos para as manifestações. O movimento foi amplamente divulgado nas redes sociais e provocou debates e uma série de curtidas e comentários entre os próprios manifestantes e usuários das redes sociais. A Fundação Getúlio Vargas (FGV) realizou um levantamento sobre o ativismo nas redes sociais no Brasil e que tem como ponto de partida esse episódio.

Ficou evidente, a partir dos protestos de 2013, que as mídias sociais tiveram papel fundamental na organização, coordenação e evolução das manifestações. Os protestos foram frequentemente anunciados em eventos do *Facebook*, informações *in loco* foram coletadas de vários *tweets* divulgados pelos manifestantes, e reflexões e análises pós-evento foram difundidas por meio de publicações em *blogs* e redes sociais (MIZUKAMI, REIA; VARON, 2014, p.65).

À medida que os protestos aconteciam mais pessoas se envolviam no processo de comunicação. De acordo com Antoun (2013-2014) esse fenômeno só foi possível porque houve identificação dos usuários com o teor das mensagens emitidas nas redes sobre as manifestações. Entretanto é necessário cautela, na opinião de Howard Rheingold (2013), um dos maiores desafios do ativismo digital é fazer com que as pessoas não se mobilizem apenas no furor das ruas, mas, que haja uma discussão envolvendo todos os setores da sociedade e que consigam de forma organizada efetivar ações de mudança no centro político. Mesmo com ressalvas não se pode desconsiderar os valores sociais e mobilizadores arraigados nas redes digitais.

As Jornadas de Junho marcaram um novo tempo no cenário da participação política dos brasileiros. E para fomentar e incentivar ainda mais a consciência cidadã, diversas entidades criaram espaços *online* em que cada um pode deliberar suas próprias mobilizações. Em muitos casos o que começa no âmbito virtual obtém sucesso por meio de ações além do ciberespaço. Um dos trabalhos que tem se destacado por incentivar essas ações é a Rede Nossas Cidades, que desde 2011 mobiliza cidadãos por meio da internet com objetivo de engajar pessoas na luta pelos direitos civis e torná-los mais ativos nas decisões políticas do país.

Nossas Cidades e a ONG Meu Rio

A Rede Nossas Cidades surgiu com a fundação da ONG Meu Rio, em 2011, pela iniciativa dos jovens Alessandra Orofino e Miguel Lago formados em Economia e Ciências Políticas, respectivamente, e que desde 2008 arquitetam um meio de impulsionar o engajamento cívico dos cidadãos cariocas.

A Nossas Cidades é uma rede digital que disponibiliza dispositivos para qualquer pessoa elaborar suas próprias demandas de manifestação popular *online*. Com pouco mais de três anos, o projeto se expandiu e a proposta foi replicada em São Paulo com a criação da rede Minha Sampa. No currículo do Meu Rio estão conquistas como a redução das tarifas abusivas dos ônibus⁶, o impedimento de demolição da Escola Municipal Friedenreich⁷, que fazia parte do plano de obras para a Copa do Mundo de 2014 e a criação da Delegacia de Especialização em Localização de Pessoas Desaparecidas⁸.

Além de outras vitórias que tiveram repercussão na mídia e foram garantidas através das ações de mobilização *online* e *offline* do grupo e dos parceiros da entidade. Por esses dados percebe-se que a ideia do Meu Rio tem sido bem sucedida, além de ter um modelo de reprodução e estar a caminho de novos polos pelo Brasil, a instituição possui seis núcleos de incubação no Rio de Janeiro, chamados de Nós do Meu Rio, o nome é uma referência aos nós criados por meio dos laços na esfera virtual, e o objetivo é encontrar e unir cidadãos cariocas que queiram se engajar em causas a favor do Rio de Janeiro com intuito de torná-los fiscalizadores das ações do poder público municipal e fazer da cidade um espaço mais agradável para os próprios cidadãos.

O Nós é um programa de formação de núcleos de articulação hiperlocais em bairros da cidade do Rio de Janeiro. Atualmente seis bairros integram o programa: Botafogo, Campo Grande, Glória, Grande Méier, Grande Tijuca e Honório Gurgel. O número de integrantes em cada grupo varia, as equipes são compostas pelo mínimo de três pessoas, que contam com conselheiros do Meu Rio para acompanhar as atividades e monitorar a evolução de cada grupo.

Para analisar os Nós do Meu Rio foi realizada uma pesquisa de caráter qualitativo, baseada nos métodos da netnografia, vertente da etnografia, adaptada para o ambiente virtual. O tempo utilizado para observação e contato com os participantes do Nós do Meu Rio foi de uma semana, entre os dias 28 de outubro e 3 de novembro de 2014, com captação de dados por meio de entrevistas, observação dos recursos do *site* da ONG, onde alguns dados ficam disponíveis e também através de publicações midiáticas, como jornais *online* com registros sobre as mobilizações geradas pelo grupo.

⁶ Mobilização: Contra o aumento abusivo da passagem de ônibus no Rio de Janeiro. Disponível em: <<http://paneladepressao.nossascidades.org/campaigns/244>>. Acesso em: 20. Out. 2014.

⁷ Mobilização: Os alunos da Friedenreich não têm para onde ir. Disponível em: <<http://paneladepressao.nossascidades.org/campaigns/175>>. Acesso em: 20. Out. 2014.

⁸ Mobilização: Pela criação de uma delegacia especializada em desaparecimentos. Disponível em: <<http://paneladepressao.nossascidades.org/campaigns/362>>. Acesso em: 20. Out. 2014.

A netnografia foi escolhida por ser o método de pesquisa mais próximo do ciberespaço. É preciso ressaltar que esse tipo de investigação ainda causa desconfiança em pesquisadores mais tradicionais, por se referir a um meio sem limites geográficos e de difícil acesso a dados que possam ser julgados de concretos, visto que, a internet é uma fonte intangível e efêmera, onde tudo acontece de forma instantânea e por isso mesmo, o objeto a ser examinado corre o risco de desaparecer da mesma forma a qual surgiu. Ainda que com esses desafios, assim como na antropologia, onde o pesquisador submerge a sua fonte, a netnografia também tem como premissa a observação e a introdução no campo ou grupo a ser estudado, nesse caso, a página na *web* da ONG Meu Rio e as entrevistas feitas por *e-mail* e *Facebook* com os integrantes do Nós do Meu Rio.

Análise de dados coletados

Ao todo 35 pessoas compunham os seis grupos do Nós do Meu Rio, pelo menos 14 integrantes responderam ao convite para a entrevista. Notou-se que em alguns grupos apenas um ou nenhum respondeu ao questionário, algo de relevância nessa observação e que incita curiosidade, visto que, esses participantes integram grupos bem mais desenvolvidos em suas causas do que os demais. Infelizmente não é possível mensurar porque isso tenha ocorrido talvez pela falta de tempo dos participantes ou mesmo o desinteresse, enquanto outros membros de grupos não tão ativos corresponderam melhor à pesquisa. O conteúdo analisado foi extraído da plataforma Painel de Pressão⁹.

Após analisar cada resposta, notaram-se diferentes níveis de interação e relacionamento entre os participantes. Pode-se classificá-los em quatro grupos – de acordo com as qualificações deferidas pelo pesquisador de netnografia Robert Kozinets (2014) – os principiantes são aqueles que ainda não participaram de nenhuma mobilização efetiva, mas têm interesse em acompanhar as ações dos grupos. Interagem de forma superficial e ainda não possuem muito conhecimento ou habilidade sobre as causas e o *modus operandi* dos núcleos. O segundo grupo é composto pelos socializadores, membros ativos e que gostam de criar laços, mas só mantêm interesse sobre as principais atividades, como alguns dos entrevistados que declararam participar apenas das ações nas ruas, quando há algum evento, por exemplo.

⁹ Aplicativo para pressionar diretamente os tomadores de decisão, através de envio de *e-mails*, mensagens no *Facebook*, *Twitter* e ligações telefônicas. A ideia é pressionar os responsáveis e obter repostas para solucionar os problemas apresentados. Disponível em: <<http://paneladepressao.nossascidades.org/>>. Acesso em: 20. Out. 2014.

O terceiro é formado pelo o que Kozinets (2014) chama de devotos, eles não se relacionam tanto com os demais, mesmo assim, demonstram empolgação em acompanhar e até oferecem ajuda quando necessário. E o último grupo identificado é o dos confidentes, eles são os que mais mantêm laços com a comunidade em que vivem e sabem que seu papel é fundamental para executar as atividades na equipe. As entrevistas colaboram para esclarecer melhor essas classificações, mas, no próprio *site* da ONG também é possível fazer esse enquadramento. Basta observar a interatividade em cada Nós por meio do demonstrativo de *links* acessados, dados de compartilhamento, comentários e curtidas, por exemplo.

A maioria dos entrevistados são homens (11) e apenas três mulheres, o grupo está na faixa etária de 20 a 50 anos, distribuídos igualmente em jovens até 30 anos e os demais acima de 30. Todos possuem algum tipo de formação de nível superior, o que indica serem pessoas com potencial de formadores de opinião. Também residem entre a Zona Norte e a Zona Sul do Rio de Janeiro, o que faz sentido, pois, os núcleos do Nós do Meu Rio se dividem entre bairros dessas localidades. Outro dado relevante é em relação ao acesso à internet e ao tempo de conexão. Apesar de questionados, muitos não souberam responder com precisão o tempo que navegam, mas afirmaram que têm cadastros em uma ou mais redes sociais. O *Facebook* apareceu em todas as respostas, e se destacou como uma rede acessível e de apelo popular, já que, 100% dos entrevistados são membros.

Quando indagados sobre a finalidade das redes sociais, todos disseram que utilizam de forma híbrida, sendo útil tanto para o lazer, iniciar novas relações, trabalhar, participar ou promover mobilizações, entre outros.

“Uso para diversão, como fonte de informação (curti muitas páginas de jornais, revistas, etc.) e em grupos de assuntos do meu interesse. O grupo que participo com mais frequência é o grupo do Nós da Grande Tijuca. Gosto também de ler e postar informações sobre o Rio de Janeiro e a Tijuca, para de alguma forma trazer o assunto para a pauta”. (Manuela Godoy, 28, Nós da Grande Tijuca).

Assim como no trecho acima, os entrevistados se demonstraram bastante proativos na redes sociais fazendo delas um canal de expressão e articulação. Dentre os motivos está a facilidade e a rapidez com que fluem as informações na rede, além do número de conexões com outras pessoas que possam estar interessadas nas mesmas questões, como apontou um dos agentes do Nós de Botafogo.

“São veículos como quaisquer outros, com a diferença que sua dinâmica de disseminação e contaminação é muito mais rápida. Claro que pode fazer a diferença na sociedade, tanto pro "bem" quanto para o "mal". Durante algum tempo participei do Mídia Ninja na parte de fotografia no RJ, e pude, diversas vezes, perceber como essa dinâmica de mobilização pode fazer a diferença”. (Leonardo Coelho, 25).

A maior parte do grupo afirmou participar ou ter participado de alguma campanha virtual, mas apenas metade se considera um ativista digital por ter esse tipo de iniciativa. Enquanto o restante não soube dizer se o que faz na internet pode ou não ser considerado como ciberativismo.

Resposta afirmativa: “Não me considero só ativista digital. Sou um cidadão consciente que acredita na política como solução para os problemas da humanidade. E política não é só partidária, é atitude e participação”. (Gustavo Bueno, 48, Nós da Grande Tijuca).

Resposta negativa: “Não me considero uma ativista digital, me considero uma cidadã normal que entende a importância de se discutir os problemas da sociedade em que vive, a Internet é só mais uma ferramenta para isso”. (Alice Kasznar, 27, Nós de Botafogo).

O que chama atenção nas duas falas é que, mesmo não concordando sobre ser ou não um ciberativista, ambos declararam ser cidadãos conscientes de sua representatividade, e que buscam na internet uma forma de exercer a cidadania. Em todas as entrevistas esse pensamento é ressaltado, o que demonstra o poder que a *web* proporciona às pessoas, além de motivá-las a buscar informações e aproximá-las das questões políticas e sociais do meio em que vivem.

As novas tecnologias ofertam uma grande oportunidade de inclusão de um número maior de pessoas nas decisões. Já não estamos mais na situação de alguns anos atrás em que as únicas formas de participação qualificadas se resumiam a assembleias, reuniões, conselhos. As novas tecnologias permitem ampliar esses espaços, permitem que rompamos as barreiras físicas e temporais. (LAGO, Miguel, 2013, p.44).

Essa é uma das causas que levou aos entrevistados a serem voluntários do Nós do Meu Rio. Há um sentimento de esperança e crença em todos os participantes em relação as suas próprias ideologias e o que eles almejam para a sociedade. “Me tornei voluntário por acreditar na ideia, e ser uma de minhas bandeiras no uso da internet é a de mobilização e utilidade pública, o Nós, onde me enquadro como um disseminador via *web*, isso na minha concepção, surgiu como a chance de fazer com que a população da região onde eu moro veja que é possível, através da internet tornar-se mais participativo nas políticas locais e transformar a região”. (Haylton Leonardo Ferreira, 30, Nós de Campo Grande).

Nota-se que o ciberespaço os une e forma não só laços afetivos, como também de identidade e pertencimento a um lugar, o que aumenta a noção de responsabilidade dos voluntários como representantes legais de um coletivo. Isso os incentiva a preservar a região onde vivem e a estabelecer metas de atividades dentro da organização. Nesse caso, as redes sociais e as plataformas de reivindicação do Meu Rio ultrapassam os limites distritais. As campanhas conseguem ter visibilidade e muitas vezes pautar questões sociais, como foi relatado ao decorrer deste trabalho.

Considerações finais

Após aprofundar as divergentes visões de autores e pesquisadores acerca do assunto, e realizar uma breve imersão ao contexto virtual com as experiências dos Nós do Meu Rio, pode-se afirmar que as hipóteses iniciais do trabalho foram confirmadas. A internet tem sido de grande utilidade para reforçar e ampliar as vozes emergentes. Mais do que isso, o ciberespaço e as ferramentas disponíveis nele são fonte de conhecimento para que as pessoas possam se informar melhor sobre como desenvolver a cidadania e buscar aliados para somar a essa necessidade. Ademais, o civismo digital impulsiona a reflexão sobre as esferas sociais, principalmente em relação às classes de poder, como os partidos, governantes e inclusive a própria mídia, pois, há um fenômeno em curso e não se pode negá-lo, e é importante questionar e rever os antigos meios de construir bases sociais e avaliar este novo formato, que é o virtual.

Há exemplos de sucesso citados no estudo que foram desenvolvidos a partir desse ambiente. É claro que nem todas as ações se resolvem somente no âmbito digital, existe um trabalho massivo e conjunto para alcançar uma realidade por meio da participação *online* também presencialmente. Por isso é indispensável frisar que nesses casos as mobilizações nas ruas só se refletiram porque anteriormente houve uma convocação *online*, que atingiu centenas ou milhares de pessoas para lutarem por àquelas razões. A consciência cidadã e os dispositivos da internet fazem a sociedade caminhar para um futuro onde as cidades sejam mais inclusivas e os cidadãos mais participativos. É essa vontade que tem mobilizado sujeitos ao redor do mundo, que veem na internet uma alternativa para solucionar questões sociais coletivamente.

Por isso, o ambiente virtual está cada vez mais próximo de se tornar oficialmente o espaço para o pleno exercício democrático, visto que, ele dispõe de uma incontável possibilidade de inclusão.

Dessa forma, as tomadas de decisão sobre qualquer tema que venha a inferir na sociedade são horizontais, mesmo que os núcleos agentes das redes sociais não sejam homogêneos, os participantes que aderem às causas virtualmente têm um único propósito, utilizar seus recursos para mudar a sociedade em que vivem. De forma a colaborar com a inserção de temas para o debate público, que nem sempre ganham a devida notoriedade através das mídias tradicionais. Sendo assim, a internet se torna um novo canal de comunicação para validar e, sobretudo, ampliar as vozes dos agentes sociais.

Referências

ANTOUN, Henrique; MALINI, Fábio. **A Internet e a Rua: Ciberativismo e Mobilização nas Redes Sociais**. Porto Alegre: Ed. Sulina, 2013.

_____. **As Múltiplas Vozes das Ruas**. Revista A3. Nov. 2013 a abril de 2014. Entrevista concedida a Flávia Lopes. Disponível em: <http://www.ufjf.br/revistaa3/files/2013/10/Pages-from-REVISTA5CS6_FINAL_X1_web-34-38.pdf>. Acesso em: 28 de setembro 2014.

CASTELLS, Manuel. **Comunicación y Poder**. Madrid: Ed. Alianza Editorial, 2009.

_____. **Redes de Indignação e Esperança: Movimentos Sociais na Era da Internet**. Rio de Janeiro: Ed. Jorge Zahar, 2013.

JENKINS, Henry. **Cultura da Convergência**. São Paulo: Aleph, 2008.

KOZINETS, Robert. V. Netnografia: **Realizando pesquisa etnográfica online**. Porto Alegre: Ed. Penso, 2014.

LAGO, Miguel. Co-fundador do Meu Rio. **Participação Popular: Perspectivas e Desafios da Formação Cidadã**. 8. Out.2013. Projeto Diálogos Sociais. Disponível em: <<http://www.cieds.org.br/docs/dialogos-sociais-2013.pdf>>. Acesso em: 5 de outubro de 2014.

LÉVY, Pierre. **Inteligência Colectiva: Por uma Antropología Del Ciberespacio**. Washington, DC. Marzo de 2004. Organización Panamericana de la Salud. Versão eletrônica. Disponível em: <<http://inteligenciacolectiva.bvsalud.org/public/documents/pdf/es/inteligenciaColectiva.pdf>>. Acesso em: 10 de setembro de 2014.

MARTINO, L. M. **Teoria das Mídias Digitais: linguagens, ambientes e redes**. Petrópolis: Ed. Vozes, 2014.

MIZUKAMI, Pedro N.; REIA, Jhessica; VARON, Joana. **Mapeamento da Mídia Digital no Brasil**. Ago. 2014. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.fgv.br/dspace/bitstream/handle/10438/11945/Mapeamento%20da%20M%C3%ADdia%20Digital%20no%20Brasil.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 17 de setembro de 2014.

Mobilização: **Contra o aumento abusivo da passagem de ônibus no Rio de Janeiro**. Disponível em: <<http://paneladepressao.nossascidades.org/campaigns/244>>. Acesso em: 20 de outubro de 2014.

MOBILIZAÇÃO: Os alunos da Friedenreich não têm para onde ir. Disponível em:
<<http://paneladepressao.nossascidades.org/campaigns/175>>. Acesso em: 20 de outubro de 2014.

MOBILIZAÇÃO: Pela criação de uma delegacia especializada em desaparecimentos. Disponível em: <<http://paneladepressao.nossascidades.org/campaigns/362>>. Acesso em: 20 de outubro de 2014.

MORAES, Dênis. **O Ativismo Digital.** Universidade Federal Fluminense, Biblioteca On-line de Ciências da Comunicação, 2001. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/_texto.php3?html2=moraes-denis-ativismo-digital.html>. Acesso em: 21 de agosto de 2014.

PIMENTA, Francisco José; RIVELLO, Ana Paula (2008). **Ciberativismo e Zapatismo, In XIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, São Paulo, 07 a 10 de maio.** Disponível em:

RECUERO, Raquel. **Redes Sociais na Internet.** Porto Alegre: Ed. Sulina, 2009.

_____. **O Capital Social em Rede: Como as Redes Sociais na Internet Estão Gerando Novas Formas de Capital Social.** Contemporânea - Revista de Comunicação e Cultura. Vol. 10, n.3. Set-Dez, 2012. Disponível em: <<http://www.portalseer.ufba.br/index.php/contemporaneaposcom/article/view/6295/4671>>. Acesso em: 20 de agosto de 2014.

RHEINGOLD, Howard. **Mídia Social e Transformação Política.** Valor Online. 21. Jun. 2013. Entrevista concedida a Viana de Oliveira. Disponível em: <<http://www.idlocal.com.br/index.php?r=noticias/view&id=264882>>. Acesso em: 30 de setembro de 2014.

SANTAELLA, Lúcia. **Da Cultura das Mídias à Cibercultura.** Revista FAMECOS. Porto Alegre, n. 22, dezembro, 2003. Disponível em: <<http://www.revistas.univerciencia.org/index.php/famecos/article/viewFile/229/174>>. Acesso em: 15 de agosto de 2014.

UGARTE, David de. **O Poder das Redes.** Porto Alegre: Ed. EdUPUCRS, 2008.